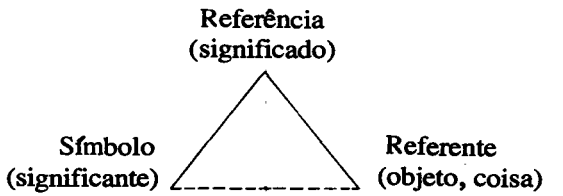
Blikstein, Izidoro. Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade. São Paulo, Cultrix.

O autor se propõe revisar um antigo problema localizado no entrecruzamento da lingüística, semiologia, antropologia e teoria do conhecimento, a saber: a relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade.

Dentre as perspectivas lingüísticas e semiológicas atuais enumeradas pelo autor e que pronunciaram-se a respeito da relação entre língua e realidade, é possível identificar dois grupos distintos:

a) perspectiva de Ordem & Richards e as teorias por eles influenciadas. Segundo Blikstein, a importância destes dois autores foi a de revitalizar, em *O significado do significado,* a concepção triádica da linguagem com a proposição do célebre triângulo (figura 1).

Figura 1



Blikstein comenta, a propósito, que a inclusão do objeto extralingüístico ou referente, ausente nas perspectivas semiológicas dicotomizantes (signo x realidade; signo x pensamento; significante x significado como em Saussure; etc.), em vez de permitir a captura da realidade extralingüística, paradoxalmente, só fez com que esta fosse descartada.

Tal se torna bastante nítido com a tese defendida por estes dois autores de que o referente, já que exterior à linguagem, deve ser estudado pelas demais disciplinas e não pela lingüística. Além disso, o referente não seria decisivo para a articulação do significado ao signo: o que importa é que a relação entre símbolo e referência seja correta e lógica.

b) perspectivas que concebem a realidade ou o referente como um produto da língua. Tais perspectivas, segundo Blikstein, expulsariam a percepção/cognição do aparelhamento teórico da lingüística e da semiologia modernas.

Alguns lugares-comuns dessas disciplinas e seus respectivos autores são enumerados por Blikstein:

1. O dos neo-humboldtianos (Trier, Weisgerber & Porzig): "As estruturas psíquicas e sócio-culturais dependem da linguagem na medida em que os campos semânticos são diferentemente organizados em cada língua."

2. O de Sapir-Whorf: "Categorias mentais como tempo, espaço, sujeito e objeto são explicadas pelas estruturas lingüísticas".
3. O de Natoré: "A palavra é anterior ao pensamento".
4. O de A. Martinet: "Cada língua organiza à sua maneira os dados da experiência".
5. O de Pottier: "O recorte da realidade varia segundo as línguas".
6. O da semiologia francesa que consagra o papel modelante da língua na construção do pensamento e na organização da realidade como em Barthes: "O mundo do significado não é outro senão o mundo da linguagem"; e em Benveniste: "A língua é a grande matriz semiótica".

Contra tais perspectivas (acusadas por autores, como R. Tallis em *Not Saussure*, de nominalismo e idealismo ingênuo) e invocando Piaget, Blikstein ressalta a necessidade de se considerar a dimensão perspectiva e cognitiva (não-verbal, portanto), da significação, dimensão esta que é, inclusive, anterior à linguagem.

Blikstein salienta ainda a necessidade de a lingüística ir mais além, incluindo em seu projeto a busca de explicação para o mecanismo de transformação da realidade em referente.

É justamente este o propósito ao qual Blikstein dirige os seus esforços subseqüentes. Discute, inicialmente, a solução chomskiana para este problema.

Segundo Chomsky, os estímulos físicos transformar-se-iam em percepção após serem interpretados por processos mentais (sistemas de crenças, estratégias perceptivas, valores, etc.), os quais, por sua vez, resultariam de estruturas biológicas inatas.

Contra esta concepção, Blikstein recorre ao exame do caso de Kaspar Hauser. Os enigmas de compreensão e cognição do mundo apresentados por este personagem levam Blikstein à conclusão de que estes processos (que estariam na raiz do fato semântico) dependem sobretudo de uma prática social.

Tal ponto de vista é defendido por A. Schaff que também, contra o relativismo lingüístico, enfatiza que não é a língua que produz ou modela a realidade, mas sim a dimensão cognitiva e perceptiva que lhe é anterior.

Tomando o clássico exemplo dos 20 termos existentes na língua esquimó para designar tipos distintos de neve, Schaff observa que o que produz esta distinção é, na realidade, um fato de vida ou de morte para os falantes dessa cultura. O próprio modo de percepção do mundo dependeria, em princípio, do gênero de práxis de que o homem dispõe.

Por práxis entende-se o conjunto de atividades humanas que engendram não só o sistema de produção como também as condições de existência de uma sociedade (os homens falam como lhes sugere a vida).

Desta forma é que Blikstein, inspirado por esta perspectiva marxista, propõe o seguinte esquema:
1. Práxis social: impõe traços de identificação à diferenciação da realidade (através destes traços o indivíduo passa a reconhecer, discriminar e selecionar estímulos dentro do universo amorfo e contínuo do real: cores, formas, espaço e tempo necessários à sua sobrevivência).
2. Estes traços de diferenciação/identificação, encontrando-se impregnados de valores meliorativos e pejorativos formarão, por sua vez, o que Blikstein denomina "traços ideológicos".
3. Os traços ideológicos formarão os "corredores isotópicos" por onde irão fluir as linhas básicas de significação (isotopias), as quais irão balizar a percepção do

indivíduo, fabricando os estereótipos ou "óculos sociais". É através de tais óculos que o referente é produzido.

Conclusão

A partir da consideração da explicação final do autor acerca da relação entre o referente (fabricado pela práxis social) e a realidade (amálgama de manchas), devemos assinalar que o problema apontado por Blikstein (o qual supomos estar mais intimamente vinculado à investigação do mecanismo da designação a que este projeto se propõe) permaneceu sem consideração por este autor.

Dedicando-se à investigação de um problema psicológico, o qual é, inclusive, amplamente discutido pela psicologia da Gestalt e pela epistemologia genética, o problema de caráter mais propriamente lingüístico que tanto incide sobre a natureza da relação entre referente e significado (e símbolo) permaneceu inexplorado, não obstante o autor, com a sua "psicologia marxista", tivesse se comprometido a elaborar o que chamou de uma ampliação do triângulo de Ordem & Richards com a reintrodução do referente no aparelho conceitual da semiologia.

Ana Maria Andrade da Silva